

Carrinhos, Abayomi e artesanais: brinquedos na Educação Física

Everton Arruda Irias

E.P.G. Gianfrancesco Guarnieri

Este trabalho foi realizado no primeiro semestre de 2019, na E.P.G. Gianfrancesco Guarnieri, escola da rede municipal de Guarulhos, localizada na região do Parque São Miguel. A tematização envolveu as duas turmas de 1º ano do período da tarde.

Tratava-se do primeiro ano das crianças na escola, já que a mesma não abriga turmas da Educação Infantil. Os(As) estudantes são oriundos(as), basicamente, de duas ou três escolas da região. Por isso, nos primeiros contatos que tive com ambas as turmas busquei perguntar as atividades que realizavam nas unidades de origem. Dentre as respostas, apareceram: brinquedos, parque, monta-monta, jogar bola, correr, massinha e pintura. Além disso, conversamos sobre as práticas corporais que as crianças acessavam quando não estavam na escola, sendo citadas: brinquedos, boxe, dominó, capoeira, dança eletrônica, pebolim, cambalhotas, etc.

A partir dessas falas, trouxe na aula seguinte algumas imagens representando, de diferentes maneiras, as práticas corporais citadas como forma de disparar alguns comentários. Numa roda de conversa, as crianças puderam então expor o que conheciam acerca das práticas corporais expostas nas imagens. Surgiram falas como: “brinquedos industrializados são mais legais porque têm mais tecnologia”; “já brinquei de pingue-pongue lá no CEU Alvorada”¹; “minha família joga dominó”; “as pessoas praticam ginástica para ficar fortes”, dentre outras. Diante de tantas falas importantes e passíveis de análises mais detalhadas, defini como tema de estudo naquele período letivo os brinquedos.

Em conversa com a gestão da escola, recebi a permissão de solicitar doações de brinquedos usados às crianças, de maneira a formar um repositório que pudesse ser utilizado em nossas aulas. As doações recebidas permitiram encher três caixas grandes com brinquedos. Além disso, os brinquedos da Brinquedoteca também poderiam ser utilizados nas aulas.

¹ Centro Educacional Unificado localizado no bairro Alvorada em Guarulhos.

Preparados os materiais, passamos a dialogar sobre como as atividades poderiam acontecer. Tendo em vista a diversidade de brinquedos e a quantidade de crianças, precisávamos criar estratégias para uso e distribuição. Conforme as sugestões das próprias crianças, as brincadeiras seriam realizadas ora na quadra, ora no espaço da biblioteca.

As primeiras aulas geraram determinadas situações que foram discutidas em rodas de conversa: a organização do espaço, crianças que brincavam sem brinquedos, meninos e meninas brincando separados. Nas rodas de conversa as crianças expunham suas opiniões e comentários e, algumas vezes, pensávamos juntos em formas de resolver os problemas identificados. No caso, por exemplo, de meninos e meninas brincarem separados, algumas crianças disseram que isso acontecia porque “meninos e meninas brincam com brinquedos diferentes”. Vale ressaltar que falas como essas não eram unânimes e, às vezes, enfrentavam posicionamentos contrários.



Conversei então com a gestão da escola a fim de expor algumas atividades de ensino que eu estava planejando, diante das situações observadas. Gostaria de reorganizar nossas práticas com os brinquedos de maneira que em cada aula as crianças pudessem brincar com certos tipos, por exemplo, apenas carrinhos numa aula, apenas bonecos em outra, bonecas em outra aula, etc. A diretora concordou, todavia, pensando inclusive em evitar futuros desentendimentos com alguns familiares, sugeriu que no momento das brincadeiras apenas com bonecas fossem também inseridos ursinhos, a fim de categorizá-los como

brinquedos afetivos. Faço um destaque neste relato aos momentos de conversa com a gestão, pois no ano anterior, nesta mesma unidade escolar, tive alguns enfrentamentos com familiares por conta de uma tematização que envolveu marcadores de gênero na prática corporal do vôlei. Assim, como respeito a gestão e como forma de obter respaldo para a continuidade das ações, achei por bem discutir algumas atividades com a diretora. No entanto, isso não acontecia em cada plano de aula que eu elaborava, mas apenas em ações didáticas que eu considerasse que pudessem gerar controvérsias, já que a própria gestão também estaria à frente nos momentos de dialogar com a comunidade escolar.

Nas aulas seguintes as crianças se organizaram para brincar, em cada aula com determinados brinquedos. Na aula em que brincaram apenas com bonecas e ursinhos, o comportamento de alguns meninos chamou bastante atenção. Eram meninos que comumente participavam das brincadeiras, entretanto, naquele dia, ficaram sentados de canto, com semblantes “de quem estava bastante insatisfeito”. Quando nos encaminhávamos para o final da aula, fizemos uma roda de conversa e eles puderam expor sua insatisfação. O motivo da chateação era óbvio: os brinquedos disponibilizados. Para eles, era incabível que pudessem brincar apenas de bonecas e ursinhos. Um dos alunos, inclusive, até aquele momento brincara apenas de carrinho.

Tal situação também me incomodou bastante e, por isso, me dediquei em pesquisas para tentar entender um pouco mais a relação das pessoas com as bonecas. Mediante os materiais acessados, selecionei algumas imagens que foram levadas à sala de aula e analisadas juntamente com as crianças. Visualizamos diferentes bonecas e suas histórias, ligadas à religiosidade, à passagem da vida para morte, à esperança de ter um bebê, à expectativa de casar, a presentear os deuses ou para fins comerciais e econômicos. Boneca Vênus (feita de pedra), Ushtbs (bonecas de terracota, argila modelada e cozida no forno, feita pelos egípcios), Bonecas de Biscuit (séc. XVIII), Ningyoo (bonecas que simbolizam os costumes japoneses), além do Dia da Boneca no Japão. Percebemos que, nem sempre, as bonecas foram “definidas” como brinquedos de meninas.

Além disso, com vistas a prosseguirmos nessa percepção, nos debruçamos sobre a história de uma boneca específica: a Abayomi. Juntos, fizemos a leitura de um texto que contava a história dessa boneca e depois conversamos a respeito e discutimos o significado dessa boneca. Uma das alunas disse, inclusive, já ter conhecido a Abayomi num programa que assistiu na televisão. Apreendi, por meio de vídeos, a fazer uma, e a confeccionei diante

das crianças. Algo que chamou bastante a atenção foi o olhar das crianças para aquele momento, passagem bastante marcante para mim. Resolvemos então, na aula seguinte, confeccionar a Abayomi. Com o auxílio das professoras da turma, as crianças produziram suas próprias bonecas Abayomi e levaram-nas para casa.



Dadas as circunstâncias pelas quais as aulas se desenrolaram, tinha em mente que o percurso poderia seguir sem maiores preocupações. Entretanto, dois dias após confeccionarmos as bonecas, retornei para a escola (na prefeitura de Guarulhos compomos a jornada com mais de uma escola, tendo em vista que as crianças possuem apenas uma aula de Educação Física semanal, sendo assim, nesse ano assumi turmas em duas escolas), e logo ao entrar fui interpelado pela diretora que me pediu para ir à sua sala. A mesma expôs uma situação que se passara no dia anterior: um pai, bastante enfurecido, foi à escola questionar os motivos pelos quais seu filho estava brincando com bonecas nas aulas de Educação Física. Disse ter queimado a Abayomi feita pelo menino, na sua frente. Com o tom de voz elevado e batendo sua mão sobre a mesa, buscou intimidar a diretora, lançando inclusive algumas ameaças. A diretora tentou, sem sucesso, explicar o trabalho para o pai,

e defendia as problematizações realizadas. Entretanto, ele se recusava a escutar. Quando sua esposa, que também estava presente, tentava proferir algumas palavras sensatas, era interrompida pelo marido de forma ofensiva. O pai se retirou da escola, ainda bravo, sem assinar o livro de ocorrências, e seu filho entrou na sala de aula chorando. Tal episódio entristeceu bastante a gestão da escola, e também me deixou bastante desanimado e entristecido. Não pelo fato do questionamento que, no caso, o pai tem o direito de fazer com relação às aulas, mas pela forma como ele procedeu, sem dar qualquer abertura para o diálogo, e intimidando a diretora da escola.

Em conversa com a gestão, a mesma ressaltou que apoiava o trabalho, afirmou que o mesmo deveria prosseguir, no entanto, disse que deveríamos pensar em possibilidades para que essas situações fossem evitadas, tendo em vista o momento social em que vivíamos naquele ano, preocupando-se, principalmente, com a nossa integridade física. Na fala dela, a ideia não era modificar os encaminhamentos didáticos, mas pensar em formas para que as repercussões destes encaminhamentos chegassem de outra maneira à comunidade escolar. Por exemplo: no caso das bonecas Abayomi, que as crianças fizessem, porém que não levassem para casa, mas que pudessem expô-las na própria escola.

A tematização continuou com novas brincadeiras. Entretanto, pensando nas falas das próprias crianças no início do estudo, quando compararam brinquedos industrializados com brinquedos “artesanais” (categorização atribuída por mim), começamos a pensar em possibilidades de experiências com outros brinquedos também conhecidos pelos(as) estudantes. Numa roda de conversa, as crianças expuseram os materiais que utilizavam quando produziam os próprios brinquedos: papel (jornal), tampinhas, argila, prendedores, fita, arame, barbante, palito de churrasco, papelão. A ideia era providenciarmos os materiais que seriam utilizados em aulas posteriores.

Iniciamos o diálogo sobre os brinquedos artesanais a partir dos brinquedos de papel. Alguns/mas estudantes explicaram para os/as colegas como produziam brinquedos com papel, surgindo então: aviãozinho, barquinho, peteca. Após confeccioná-los, as crianças criaram brincadeiras. Na aula seguinte, assistimos a vídeos que mostravam outros brinquedos feitos com papel: aviõezinhos, shuriken, dragão. As crianças tentaram produzir alguns desses brinquedos e, na sequência, brincaram.



Providenciados alguns dos materiais mencionados pela turma, disponibilizei-os numa das aulas para que pudessem construir outros brinquedos. Devido ao número de crianças, a quantidade de materiais disponíveis e a quantidade de materiais necessários para cada brinquedo que elas desejavam construir, tivemos que fazer algumas escolhas na distribuição dos objetos. Os(As) estudantes se reuniram em grupos, dividimos os materiais em quantidades equivalentes para cada grupo e solicitei que as crianças conversassem com os(as) colegas a fim de pensarem nos brinquedos que seriam feitos e na quantidade de material que cada um precisaria. Alguns conflitos ocorreram, todavia, por meio de conversas, muitos deles foram resolvidos. As crianças haviam dito que, para produzir os brinquedos, necessitariam de martelo e cola quente. Levei o que a escola dispunha, no entanto, fiquei responsável em manusear o martelo e a pistola de cola quente. Após muito trabalho, algumas crianças conseguiram produzir seus brinquedos e brincar com os/as colegas. Armazenar esses brinquedos durante a confecção não foi uma tarefa fácil, uma vez que o processo de construção e vivência durou cerca de três aulas.



Ainda nesse momento da tematização, assistimos vídeos mostrando crianças e adultos produzindo seus brinquedos em diferentes regiões do Brasil: pão de tucumã², estoque³ (espingardinha), barquinhos⁴.

Em certa ocasião, Dona Fátima, uma das funcionárias responsáveis pela limpeza da escola, aceitou nosso convite para participar de uma atividade com as crianças. Durante o horário do almoço, ela me dissera que quando criança, na sua cidade Natal (da região Nordeste do Brasil), fizera um carrinho usando lata de sardinha, palito de churrasco e tampinhas de garrafa. Providenciei esses materiais e, diante das crianças, ela construiu o seu carrinho. A turma aproveitou a oportunidade e fez várias perguntas a respeito da sua relação com os brinquedos na sua infância, na vida adulta, se ela sabia fazer outros brinquedos etc. Foi uma ótima experiência para todos(as) nós. Numa conversa futura com a Dona Fátima, ela afirmou, de forma bastante extrovertida, que seu trabalho tinha mudado na escola porque, coincidentemente, ela sempre estava presente no pátio durante os intervalos das crianças do primeiro ano e depois da sua participação na aula, os(as) estudantes não

² Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=aJG_rRP0bml

³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Wl1Uw6rn5GA>

⁴ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Ec2SEpXN33U>

paravam de procurá-la para que pudesse explicar novamente como fazia o carrinho ou para que ela pudesse fazer um carrinho para eles(as).



Após algumas semanas em que as crianças brincaram com os brinquedos que construíram, finalizamos a tematização com uma roda de conversa em que comparamos as experiências, tanto na escola quanto fora dela, com os brinquedos industrializados e os brinquedos artesanais. As crianças citaram pontos positivos e negativos quanto a brincar com cada um deles: “brinquedos industrializados nem todo mundo pode ter”; “brinquedos industrializados são mais divertidos”; “brinquedos que nós construímos são melhores, porque construímos do nosso jeito, o que a gente quer”.

Os brinquedos doados e os brinquedos construídos pelas crianças passaram a fazer parte do acervo da escola.